

A “PEGADA ECOLÓGICA” DOS IMPÉRIOS DO MÉDIO ORIENTE NAS DENÚNCIAS PROFÉTICAS

Ludovico Garmus

Resumo

O ser humano sempre disputou o espaço vital, o seu ambiente, com outros seres vivos. Esta disputa tornou-se mais acirrada com a evolução da agricultura e o surgimento das cidades e dos impérios. Esta disputa deixou marcas na natureza, hoje verificáveis por meios científicos. O presente estudo procura encontrar, sobretudo, nos textos das críticas proféticas aos impérios e monarquias do antigo Médio Oriente as marcas desta disputa, hoje chamada “pegada ecológica”.

Palavras-chave: *Monarquia. Assíria. Babilônia. Pegada ecológica. Isaías. Jeremias.*

Abstract

The human being has always disputed a vital space, its environment with other living beings. This dispute has become tougher with the development of agriculture and the emergence of cities and empires. This contest left marks in the nature, which are currently verifiable by scientific means. This study seeks to find the texts of prophetic criticism to ancient empires and monarchies of the Middle East the marks of this dispute, now called “ecological footprint.”

Keywords: *Monarchy. Assyria. Babylon. Ecological footprint. Isaiah. Jeremiah.*

Na linguagem ecológica fala-se hoje em “pegada ecológica”. Pode-se dizer que “a pegada ecológica de um país (ou de um império), de uma cidade ou de uma pessoa, corresponde ao tamanho das áreas produtivas de terra e de mar necessárias para gerar produtos, bens e serviços que sustentam determinados estilos de vida”¹. Pesquisas estão sendo feitas, por exemplo, para verificar qual a

1. Na internet podem ser feitas pesquisas sobre a definição e sobre os componentes da “pegada ecológica”. – Veja http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/pegada_ecologica/acesso em 28/02/2013.

“pegada ecológica” do Império Romano nos três primeiros séculos da era cristã². As pesquisas analisam a presença e a quantidade de carbono resultante do uso de carvão vegetal por uma determinada civilização, visíveis nas camadas de gelo dos polos e das geleiras. Quem visita hoje Éfeso ou Mileto fica impressionado com o desgaste causado ao ambiente pela ocupação humana: o que era mar e porto do tempo de Paulo em suas viagens missionárias, hoje, por causa da erosão, está a alguns quilômetros de distância.

A intenção deste pequeno estudo é trazer alguns textos da crítica profética sobre a violência causada às populações e à natureza pelo domínio dos impérios do Médio Oriente. Nestas críticas podemos identificar pequenos indícios da “pegada ecológica” causada pelas conquistas dos Impérios Assírio e Babilônico, visando novos mercados e o controle do uso de metais, produtos agrícolas e das florestas.

A depredação do ambiente pelos assírios

Dentro da ideologia real do Antigo Médio Oriente os animais selvagens eram vistos como forças inimigas a serem controladas³. Essa atitude, na cosmovisão simbólica da época, era uma expressão da dominação cultural sobre a natureza. Assim, por exemplo, animais como o leão, as cabras selvagens, o onagro, o búfalo, a avestruz, o cavalo de guerra, o abutre e a águia, citados por Jó (cf. Jó 38-41; 39,13-30), fazem parte das cenas de caça dos antigos reis. Eles compõem a trilogia da ideologia real: os inimigos, o rei e a caça do rei.

Nos relatos assírios de batalha, os inimigos são comparados a animais que devem ser dominados. A fuga, o medo e a subjugação dos inimigos do rei são pintados como imagens do mundo animal. Nas crônicas da Mesopotâmia e do Egito os próprios reis são representados como animais ferozes e temíveis, como o leão, o dragão, a águia ou o crocodilo. De fato, os reis são por excelência os predadores e os inimigos são a sua presa. Em Ez 17,3-6 o rei da Babilônia é comparado a uma grande águia; em 17,7-8 a águia é o faraó; em Ez 19 os reis de Judá são comparados a leões⁴.

Ao lado da guerra, o esporte preferido dos reis do Antigo Médio Oriente era a caça. Nas suas crônicas, Teglat-Falasar I (1116-1078 aC) orgulha-se de ser um grande caçador. Afirmar ter matado, no deserto, quatro touros selvagens extremamente fortes. Capturou, também, quatro elefantes vivos; matou outros mais e, como troféu, levou a Assur suas peles e dentes. Além disso, vangloria-se de ter

2. Veja <http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/planeta-urgente/imperio-romano-cooperou-com-aquecimento-global/acesso> em 28/02/2013.

3. BROWN, William P. *The Ethos of the cosmos*, p. 351-359.

4. BROWN, *The Ethos of the Cosmos*, p. 351-359.

matado, durante uma caçada a pé, 120 leões e outros 800, de cima de seu carro⁵. Descontados os exageros típicos de um caçador, este rei foi sem dúvida um exemplo de predador da natureza. Como guerreiro, foi também um predador das pequenas nações vizinhas, saqueando-as e impondo-lhes pesados impostos: “No meu feroz valor marchei contra o povo de Qummuh – diz ele –, conquistei-lhes as cidades, saqueei-as de tudo, tomei todos os bens e propriedades... devastei-as, destruí-as”⁶. Outro grande predador da natureza foi Assurnasirpal II (884-858 aC), que se gloria de ter caçado 350 robustos leões e 390 touros selvagens. Os relatos sobre caçadas continuam depois com Salmanasar III e Samsi-Adad V. O mesmo acontecia no Egito, onde também o esporte preferido dos faraós era a caça. Thutmosis III conta com orgulho que matou 120 elefantes.

Também na Bíblia a caça e a guerra estão associadas: “Cuch foi pai de Nemrod, o primeiro a se tornar valente neste mundo. Era um caçador valente diante do Senhor. Por isso é que se diz: Caçador valente diante do Senhor, como Nemrod” (Gn 10,8-9). O profeta Habacuc denuncia a violência da Babilônia, não só contra a população, mas também contra os animais (cf. Hab 1,6-9; 2,15-17).

A caça, portanto, fazia parte da ideologia real: um valente caçador era considerado um rei forte na batalha. Nas representações antigas, quando em combate, o rei assumia um caráter de predador arquetípico diante de seus inimigos. Nas cenas de caça, porém, o rei jamais era representado como um animal feroz, mas como um rei bem-armado. Por exemplo, em Ez 17,3-6 o rei da Babilônia é comparado a uma grande águia, que deportou Joaquin e pôs no trono de Judá a Sedecias. Em Ez 17,7-8 a águia é o faraó do Egito, em quem Sedecias queria apoiar-se contra Babilônia. Em Ez 19 os reis de Judá também são comparados a leões. “Massacrando ou domesticando os animais selvagens, aniquilando ou prendendo os inimigos, o rei do Antigo Oriente Médio era um consumado guerreiro/pastor, que podia proclamar-se como senhor, ‘rei do universo’, tanto sobre a natureza como sobre a civilização”⁷.

Salomão como consumidor e construtor

Descontados os exageros, próprios para exaltar a riqueza de Salomão e de seu palácio, o deuteronomista o apresenta como um grande consumidor:

5. DURANT, Will. *História da civilização I: Nossa herança oriental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2ª edição, 1963, p. 181; BROWN, *The Ethos of the cosmos*, p. 355.

6. DURANT, *ibidem*, p. 181.

7. BROWN, *The Ethos of the Cosmos*, p. 359. Mesmo em nossos dias os símbolos utilizados pelos países (potências) são, por exemplo, o urso, o leão, o tigre e a águia, todos predadores (cf. WEGNER, Uwe. Monoteísmo e onipotência divina: inferências do Apocalipse, in: *Estudos Bíblicos*, n. 116, out./dez. de 2012, p. 97).

“O sustento diário de Salomão era de trinta tonéis de flor de farinha e sessenta tonéis de farinha comum, dez bois gordos e vinte bois de pastagem, com animais de gado miúdo, sem falar dos veados, gazelas, antílopes e aves gordas. É que tinha o domínio de toda a Transeufratênia, desde Tafsa até Gaza, sobre todos os reis da Transeufratênia, e gozava de paz em todas as fronteiras ao redor” (1Rs 5,2-4).

Além disso, os prefeitos tinham que manter os doze mil cavalos e os soldados dos carros de combate. Os números atribuídos a Salomão podem ser exagerados, mas são um exemplo dos abusos dos reis de Israel e de Judá, confirmados pelo balanço crítico que o deuteronomista faz ao falar dos “direitos” do rei (1Sm 8,10-18). A visão dos gafanhotos com a qual Javé mostra a Amós como pretende castigar Israel:

“Isto me fez ver o Senhor Deus. Ele formou gafanhotos, quando começava a crescer o feno tardio; era o feno que vem depois da colheita para o rei. E quando acabaram de devorar toda a erva do país, eu disse: ‘Senhor Deus, perdoa, eu te peço! Como poderá Jacó resistir? Ele é tão pequeno’” (Am 7,1-3)!

Como sugere o texto, além dos melhores produtos do campo, a primeira colheita do feno, isto é, a melhor, era destinada aos cavalos do exército do rei. O que sobrava, isto é, a “safrinha”, é que ficava para o pobre agricultor. Sobrevindo uma praga de gafanhotos ou uma seca (Am 7,4-6), o agricultor caía na miséria, enquanto a corte vivia em festas (4,1-3).

Além de grande consumidor, Salomão aparece como um exímio construtor. Para a construção do Templo, por exemplo, Salomão negociou com o rei Hiram de Tiro a compra de madeira de cedro e de cipreste em grande quantidade; as toras eram transportadas em balsas até o porto de Jafa (1Rs 5,20-26; 2Cr 2,15). As paredes do Templo, o teto e o piso eram revestidos com tábuas de cedro, material também utilizado para ornar o recinto, com baixos-relevos em forma de botões e flores (1Rs 6,14-18). Também no seu palácio, Salomão abusou tanto do uso de madeira importada, que passou a ser chamado pelo povo de ‘Bosque do Líbano’: “Media cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura; tinha quatro filas de colunas; sobre os troncos se apoiavam vigas de cedro, feitas de troncos de cedro. Havia um teto de madeira de cedro por cima das tábuas que estavam sobre as colunas” (1Rs 7,2-3).

Certamente, os mais ricos imitaram Salomão para melhorar o requinte de suas casas, utilizando material de construção nobre e importado, a madeira de cedro e de cipreste. Jeremias critica o rei Joaquim (609-598 aC), que, em vez de se preocupar em pagar salário justo para os trabalhadores e na segurança de seu país, reformou o seu palácio, revestindo-o de madeira de cedro, como se quisesse competir com Salomão (Jr 22,14-15). Anuncia qual será o destino de toda a

madeira ali acumulada: “Eu vos castigarei conforme os frutos de vossas obras – oráculo do Senhor. Atearei fogo em sua floresta, que devorará todos os arredores” (Jr 21,14). De fato, quando Jerusalém foi conquistada, o destino de todo este luxo antiecológico foi o enorme e inesquecível incêndio da cidade, destruída pelos babilônios. Por ordem de Nabucodonosor, Nabuzardã, comandante da guarda, “mandou pôr fogo no templo do Senhor, no palácio real e em todas as casas... das pessoas importantes” (2Rs 25,8-9; cf. Jr 39,8). Este espetacular e triste incêndio era lembrado e lamentado mesmo depois do exílio: “Nosso templo santo e glorioso, onde nossos pais cantavam os teus louvores, tornou-se presa das chamas, e o nosso tesouro mais precioso se converteu em escombros” (Is 64,10).

Críticas à Assíria em Isaias

Além da depredação do meio ambiente pelos reinos de Israel e de Judá, devemos contar com os estragos causados pela expansão das “potências” vizinhas, como a Assíria e a Babilônia. A expansão do reino assírio na costa mediterrânea se acentuou quando Teglat-Falasar (744-727 aC) subiu ao trono⁸. Judá se submeteu ao domínio assírio, ao pedir socorro de Teglat-Falasar contra a agressão do reino de Israel e de Damasco, durante a guerra siro-efraimita. Na ocasião, Acáz, rei de Judá, pagou um pesado tributo, desfalcando os tesouros do Templo e de seu palácio (2Rs 16,5-9). O rei assírio atendeu ao pedido de socorro de Acáz e anexou o reino de Damasco (732 aC). O reino de Israel também teve que se sujeitar à Assíria e pagar-lhe tributo, enquanto 13.520 de seus súditos eram deportados. Pouco depois, porém, o rei Oseias de Israel se rebelou, atraindo o exército de Salmanasar que cercou Samaria. Mas a destruição da cidade foi completada em 722 pelo seu sucessor, Sargão II. Assim, o reino de Israel foi riscado do mapa; o país ficou arrasado e 27.290 prisioneiros foram levados para a Assíria (2Rs 17,1-6). Como era o costume assírio, os deportados foram substituídos por população de outras regiões conquistadas. Os anais assírios assim registram o fato:

Com a garantia de Assur, que me faz (sempre) chegar a meu objetivo, combati contra eles... 27.290 dos seus habitantes, eu os levei embora, 50 carros eu tomei para a minha tropa régia... Samaria, eu a modifiquei e a fiz maior que antes. Gente das terras por mim conquistadas fiz que ali residissem, dei posse como governador deles a um dos meus eunucos e lhes impus tributo e taxas como aos assírios⁹.

Ezequias, filho de Acáz (727-698 aC), porém, suspendeu o pagamento de tributo à Assíria. Para prevenir-se de um futuro provável ataque, construiu forta-

8. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008, p. 185-194.

9. LIVERANI, p. 189.

lezas e fortificou Jerusalém. Sob a cidade de Davi mandou perfurar um túnel, a fim de conduzir as águas da fonte Guion para dentro dos muros e dar segurança ao sistema de abastecimento de água (Is 22,8b-11; 2Cr 32,2-8). Com o apoio do Egito fomentou revoltas contra a Assíria entre seus aliados do litoral da costa filisteia. Senaquerib reagiu, tão logo que foi possível, e interveio com suas tropas. Derrotou o exército egípcio; retomou o corredor estratégico do litoral, conquistando ou destruindo dezenas de cidades da Judeia. Célebre é a ilustração do relevo assírio que ilustra a conquista da fortaleza de Laquis. Nos relatos assírios fala-se que da região conquistada foram levados embora 200.150 deportados. Senaquerib não conseguiu conquistar Jerusalém, mas levou como tributo da parte de Ezequias 30 talentos de ouro, 800 de prata, pedras preciosas, joias, leitões e cadeiras de marfim, peles e presas de elefante e madeira valiosa, além de suas filhas e mulheres do palácio. Os itens citados como troféu mostram o consumismo de uma pequena corte como a de Ezequias e sinalizam, também, a depredação ambiental causada pelos impérios e suas guerras de expansão.

Esta incursão punitiva sobre o reino de Judá aconteceu em 701 aC. A invasão assíria e o cerco de Jerusalém pelo exército de Senaquerib são descritos em Is 36–37 e 2Rs 18,13–19,37. O impacto ambiental destrutivo causado pela invasão é registrado logo no início do livro de Isaías, num oráculo de denúncia e lamentação:

“Onde quereis ainda ser feridos, vós que continuais na rebelião? Toda a cabeça está doente, e todo o coração enfermo; desde a planta dos pés até a cabeça, não há nele nada de são; chagas, lesões e feridas recentes não tratadas. Nem tratadas e aliviadas com unguento. Vossa terra está devastada, vossas cidades incendiadas pelo fogo, vosso solo, estrangeiros o devoram diante de vós, e a desolação é como uma catástrofe causada por estrangeiros. A filha de Sião foi deixada como uma cabana na vinha, como um abrigo no pepinal, como uma cidade sitiada. Se o Senhor Todo-poderoso não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, seríamos como Sodoma, semelhantes a Gomorra” (Is 1,5-9).

A versão assíria dos fatos, embora triunfalista, também confirma a situação angustiante em que ficou Jerusalém, quando foi sitiada pelo exército assírio: “Ezequias, o judeu que não tinha se submetido a meu jugo... eu o prendi em Jerusalém como um passarinho na gaiola”¹⁰.

Para Isaías a Assíria é um instrumento punitivo nas mãos de Deus, um simples “bastão” da ira divina para punir a rebeldia de seu povo. Mas, em seu orgulho e prepotência a Assíria se excedeu no uso da violência e arbitrariedade, ao saquear as riquezas das nações e arrancar populações inteiras de suas terras, removendo-as para terras distantes e desconhecidas. Por tudo isso será punida (Is

10. LIVERANI, p. 190.

10,5-19). A violência contra as populações dominadas incluía violência contra o ambiente, denunciada também por Isaías como ofensa contra Javé:

“A quem ofendeste e insultante? Contra quem levantaste tua voz e ergueste os teus olhos? Contra o Santo de Israel! Por meio de teus servos ofendeste o Senhor. Disseste: ‘Com a multidão de meus carros subi até o pico das montanhas e os recantos inacessíveis do Líbano, cortei os cedros mais altos e os mais belos ciprestes, cheguei ao mais alto cume e ao mais denso dos bosques. Eu cavei poços e bebi águas estrangeiras e com a planta dos pés saqueei todos os canais do Egito’” (Is 37,23-25).

Em resposta à súplica de Ezequias, que pedia o socorro divino, o profeta Isaías lhe promete em nome de Deus que o rei da Assíria não entrará nesta cidade: “Pelo caminho por onde veio, retornará e não entrará nessa cidade... Eu protegerei esta cidade para salvá-la em atenção a mim e ao meu servo Davi” (Is 37,33-35). De fato, apesar da fanfarrice do copeiro-mor assírio, que ridicularizava a confiança na salvação da cidade protegida por Javé (Is 36,4-20), o poderoso exército não conseguiu tomar a cidade, conforme prometia Isaías em nome de Javé. Sem dúvida, as obras defensivas realizadas preventivamente por Ezequias podem ter dificultado a conquista da cidade¹¹. O texto bíblico, porém, fala de uma intervenção divina miraculosa: “O anjo do Senhor saiu e feriu no acampamento da Assíria cento e oitenta e cinco mil homens; pela manhã, ao despertar, eis que todos eram cadáveres. Senaquerib, rei da Assíria, levantou acampamento, retornou a Nínive e ali ficou” (Is 37,36-37). Alguns explicam o recuo assírio por razões internas de segurança no próprio país (2Rs 19,7). Outros pensam que o retorno repentino para Nínive foi provocado, provavelmente, por uma epidemia mortal que afetou o exército, como a peste bubônica, causada por uma proliferação de ratos. De fato, como sugere Heródoto, os ratos teriam também roído as cordas dos arcos e as correias dos escudos¹². Na região costeira em que o exército assírio circulava para enfrentar as tropas egípcias é conhecida a peste que afetou as cidades para onde foi levada a arca da aliança, sequestrada pelos filisteus (cf. 1Sm 5,1-6,12). Fala-se também de uma peste, quando Davi promoveu um censo da população, proibido pelo regime teocrático (2Sm 24,1-25). Na ocasião, o general Joab não gostou da iniciativa de Davi, mas cumpriu a ordem do rei. Terminado o censo, Davi “se arrependeu” e o profeta Gad, em nome de Deus, mandou que ele escolhesse um destes três castigos, como expiação: uma fome de sete anos, ser perseguido pelos inimigos durante três meses ou a peste. O texto diz que Davi preferiu cair nas mãos de Deus misericordioso em vez de cair nas mãos dos homens. Então, a versão da LXX comenta: “*Davi, portanto, escolheu a peste. Era o tempo da colheita do trigo*” (2Sm 24,15); em outras palavras, um

11. LIVERANI, p. 191.

12. Cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 7ª edição revista e ampliada, 2003, 345-349; GARELLI, Paul; Nikiprowetzky, V. *Oriente Próximo Asiático: Império Mesopotâmico. Israel*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 100.

tempo propício para uma proliferação de ratos. No séc. XX citam-se vários casos de pestes, na região costeira da Palestina, propícia para a agricultura (Sefela), causadas pela proliferação de ratos na época da colheita de trigo¹³.

Assim, por ironia da história, o grande e poderoso exército assírio, que por sua voraz ganância tantos estragos ambientais havia causado entre as populações dos reinos vizinhos, acabou sendo derrotado e afugentado por um exército de minúsculos ratinhos...

A ruína do império assírio começou logo depois de ter atingido seu máximo esplendor com o reinado de Assurbanipal (668-631 aC)¹⁴. No espaço de pouco mais de uma década, passou-se do domínio assírio para o babilônico. Em 614 foi tomada e saqueada Assur, em 612 foi a vez de Nínive e em 610 de Harã. Tudo aconteceu muito rápido, graças à aliança dos medos – que por séculos foram dominados pelos assírios, mas também enriqueceram fornecendo-lhes cavalos – e os babilônios (caldeus). Os medos fizeram o “trabalho sujo” de destruir as cidades assírias e aos caldeus coube o papel de reconstruí-las, dando continuidade ao império.

A queda de Nínive é o tema principal do livro do profeta Naum. A força e riqueza da expressão literária deste texto tornam Naum um dos grandes poetas do Antigo Testamento. Na “visão” que o profeta teve (Na 1,1) vê voltar-se contra Nínive a força dos exércitos, que outrora aterrorizavam as nações: “Nas ruas os carros correm loucamente, precipitam-se sobre as praças; sua aparência é como a de tochas, como relâmpagos correm para cá e para lá. Convocam as tropas mais treinadas...” (Na 2,5-6a). Nínive outrora era “o leão (que) despedaçava a caça para os filhotes, estrangulava animais para as leoas, enchia de presas os seus antros e os covis de despojos” (2,13). Agora, a riqueza das nações que amontou em seu covil torna-se objeto de saque: “Saqueai a prata, saqueai o ouro! O tesouro é infinito, uma fortuna de objetos preciosos! Roubo, saque, devastação!” (2,10-11a). No passado Nínive era repleta de mercadores, “mais numerosos do que as estrelas do céu”; agora desapareceram e “ninguém sabe o lugar onde estão” (3,16-17). A queda da capital da Assíria foi saudada pelas populações dominadas e pelo profeta com grande alegria:

“Ai da cidade sanguinária, repleta de mentira e de roubo, onde não falta a rapina. Estalido de chicotes! Estrépito de rodas! Cavalos a galope, carros que pulam, ginetes que empinam, reluzir de espadas, cintilar de lanças, multidão de feridos, mortos em massa, cadáveres sem fim; tropeça-se nos cadáveres” (3,1-2).

13. Cf. CHARBEL, Antônio. Uma experiência agrícola na Palestina, em confirmação da Exegese. *Revista de Cultura Bíblica*, v. XI, fasc. 3-4, 1974, p. 120-125. O autor, que viveu alguns anos em Belém, cita o caso de uma “colheita” de trigo, que era prevista para ser feita por máquinas agrícolas, mas foi feita na noite anterior por uma multidão de ratos.

14. LIVERANI, p. 211-214; BRIGHT, p. 377-381.

No livro de Sofonias um redator deuteronomista introduziu um oráculo contra a Assíria, que talvez seja original. O interessante é o destino da cidade: O espaço antes ocupado pela destruidora de nações e devastadora do meio ambiente será devolvido para a vida de animais domésticos e selvagens:

“Ele estenderá a mão contra o norte e destruirá a Assíria; fará de Nínive uma devastação, uma terra árida como o deserto. Dentro dela repousarão rebanhos, animais de toda espécie, até o pelicano e o ouriço passarão a noite entre os capitéis, uma coruja gritará na janela e um corvo na soleira, porque o madeirame do cedro foi arrancado. Esta é a cidade que dizia em seu coração: ‘Eu e ninguém mais!’ Que abandono ela se tornou, virou um abrigo para animais selvagens! Quem passa por ela assobia, agita a mão” (Sf 2,13-15).

Críticas dos profetas à Babilônia

Jeremias vive os anos mais dramáticos da existência de Judá, ameaçada pelo império babilônico (627-586 aC). Diversamente dos que no seu tempo buscavam o apoio do Egito para enfrentar o avanço das tropas inimigas, considera Nabucodonosor, rei da Babilônia, como servo de Javé, escolhido para punir os pecados de Judá e as nações vizinhas (Jr 25,1-13). Ao rei da Babilônia todas as nações, até mesmo os animais selvagens, deverão se submeter e servir (27,1-8).

Apesar de ver em Nabucodonosor um servo de Javé, Jeremias é bastante crítico ao descrever a ferocidade destruidora do “inimigo que vem do norte”: “O leão subiu de seu matagal, o destruidor das nações se pôs em marcha, saiu de seu lugar para transformar o teu país em solidão; as tuas cidades ficarão destruídas e sem habitantes” (4,7). O ataque iminente do exército deste destruidor das nações é aterrorizador: “Ele já se levanta como nuvens, seus carros são como um furacão, seus cavalos mais velozes do que águias” (4,13). Seus soldados são hábeis e impiedosos: “Virá um povo de um país do norte, uma grande nação se levantará dos confins da terra; eles manejam o arco e o dardo, são cruéis e impiedosos. Seu estrépito é como o bramido do mar; montam cavalos, estão alinhados como tropas para o combate contra ti, filha de Sião” (6,22-23). A ira divina, que será executada pelo inimigo que virá do norte, atingirá o Templo, as pessoas e o ambiente: “Minha ira vai derramar-se sobre este lugar, sobre as pessoas e os animais, sobre as árvores do campo e os frutos da terra” (7,20). O ataque da poderosa cavalaria que atingirá o país será avassalador: “De Dã ouve-se o resfolegar de seus cavalos; ao relinchar dos seus garanhões a terra toda treme; eles vêm para devorar o país e seus bens, as cidades e seus moradores” (8,16). O inimigo que virá do norte vai transformar as cidades de Judá em solidão, em covil de chacais (10,22); portanto, o ambiente invadido pelos homens será devolvido aos animais selvagens.

O profeta Habacuc descreve de maneira muito clara o ímpeto destruidor do exército babilônico, que arrasava nações e destruía o ambiente:

“Sim, eu farei que se levantem os caldeus, essa nação cruel e impetuosa, que percorre a amplidão da terra para apoderar-se de habitações que não lhe pertencem. Ela é terrível, só dela procede o seu direito e a sua grandeza! Seus cavalos são mais rápidos que panteras, mais ferozes que lobos ao anoitecer. Seus cavaleiros galopam, seus cavaleiros chegam de longe, voam como a águia que se atira sobre a presa. Acorrem todos para a violência, sua face ardente é como o vento leste, amontoam prisioneiros como areia! Eles zombam dos reis, os chefes são motivo de riso para eles. Riem-se de todas as fortalezas; fazem aterros e as tomam (Hab 1,6-10).

No oráculo de julgamento contra o rei da Babilônia inserido em Is 13,1–14,23 aparecem também críticas ao orgulho, aos abusos do império contra as nações e a natureza. Quando Babilônia for punida por Deus, as pessoas, com espanto, perguntarão: “Este é o homem que fazia tremer a terra, que abalava os reinos? Fazia do mundo um deserto, arrasava as suas cidades, e não deixava voltar para casa os seus prisioneiros” (Is 14,16b-17)? Babilônia destruída será devolvida aos animais selvagens: “Os gatos selvagens ali vão morar, as casas ficarão cheias de corujas; ali habitarão avestruzes e salvarão os bodes. As hienas uivarão nos seus castelos e os chacais nos seus palácios luxuosos” (13,21-22a). Homens e animais exultarão de alegria com o fim do opressor: “A terra inteira descansará tranquila, exultando de alegria. Até os ciprestes se alegram por tua causa, bem como os cedros do Líbano” (14,7-8). Como é sabido, os reis da Assíria e da Babilônia foram os grandes devastadores da última reserva florestal da região. A pilhagem da floresta é vista como sinal de orgulho, que Deus nunca deixa impune¹⁵.

Conclusão

Vimos que os reis do Egito e da Mesopotâmia gostam de se apresentar como animais ferozes: leões, dragões, touros selvagens, serpentes, lobos, águias ou aves de rapina. Também no Egito, Tutmosis III, por exemplo, se apresenta como crocodilo, touro ou leão¹⁶. Esta é a representação em relação aos inimigos externos. Portanto, a representação do dominador ou o predador. Tanto os animais selvagens como o inimigo externo é visto como uma presa a ser dominada, conquistada, exterminada. Em relação ao próprio povo, na ideologia real, o rei

15. Cf. Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), p. 627.

16. BROWN, *The Ethos of the Cosmos*, p. 352-353.

é o pastor¹⁷, que protege o seu ambiente e promove a vida de seu povo. Na expansão do “ambiente”, que resultou na formação dos impérios, prevaleceu a atitude do rei representado como predador dos povos vizinhos e de suas riquezas, incluindo os bens da natureza. Após a experiência das agressões sofridas por parte dos assírios e depois dos babilônios ou das guerras sofridas com os países vizinhos, no Deuteronômio se formulam leis de proteção ambiental. Cito duas leis relacionadas à guerra: a higiene nos acampamentos militares (Dt 23,13-15) e a proteção às árvores frutíferas no caso de um cerco de cidade (Dt 20,19-20). A primeira lei prevê um lugar fora do acampamento para fazer as necessidades e um equipamento para encobrir as fezes; a segunda recomenda não derrubar as árvores frutíferas por ocasião de um assédio de uma cidade. A primeira lei visa evitar epidemias mortais, causadas pela falta de higiene, como a que teria vitimado o exército assírio durante o cerco de Jerusalém; a segunda quer evitar a destruição pouco inteligente de árvores frutíferas, que poderiam ser úteis para o próprio conquistador.

À luz de informações de textos extrabíblicos e bíblicos, tanto de livros históricos como proféticos, percebemos um pouco do impacto destrutivo causado pelas monarquias e impérios do Antigo Médio Oriente. As denúncias proféticas revelam a violência causada pelo Império Assírio e Babilônico contra a população da Síria-Palestina e contra o seu ambiente.

Ludovico Garmus
Faculdade de Teologia
Instituto Teológico Franciscano
Rua Coronel Veiga, 550
25655-151 Petrópolis, RJ

Bibliografia

GARMUS, Ludovico. Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1–3. In: Ivo Müller (org.), *Perspectivas para uma nova Teologia da Criação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 167-192.

BROWN, William P. *The Ethos of the Cosmos*. The Genesis of Moral Imagination in the Bible. William B. Eerdmans Publishing Company. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K. 1999.

WEGNER, Uwe. Monoteísmo e onipotência divina: Inferências do Apocalipse. *Estudos Bíblicos*, n. 116 (Out/Dez de 2012), p. 88-100.

17. SIMKINS, Ronald A. *Criador e criação*. A natureza na mundividência do Antigo Israel. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 7ª edição revista e ampliada, 2003.

DURANT, Will. *História da civilização I: Nossa herança oriental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2ª edição, 1963, p. 181.

SIMKINS, Ronald A. *Criador e criação. A natureza na mundividência do Antigo Israel*. Petrópolis: Vozes, 2004.